

112

## LUCRÉCIA E O IDEAL ROMANO DE MULHER

Ariovaldo A. Peterlini

**RESUMO:** Muita coisa se explica pelo atual, mas é bem mais ampla a herança que há mister do passado como seu legítimo e profundo intérprete. O ideal romano antigo de mulher, que pode ser reconstituído à luz dos textos, quer diretamente dos quadros positivos, quer *ex opposito* das visões negativas, é, sem dúvida, um dos subsídios de que pode valer-se o estudo da situação da mulher no pensamento e na sociedade de nossa época. A conhecer esse ideal nos ajudarão a crítica catoniana das reivindicações femininas em prol da abrogação da lei Ópia; a menção da igualdade de direitos da esposa e do marido como uma das más consequências da anarquia populista, no *De Republica*; os comentários moralistas de Salústio, no retrato de Semprônia; a revolução dos neóteroi, ao proporem a existência de uma ética do sentimento, dando à mulher o direito de amar, de escolher, de consentir a sua felicidade; o comedimento horaciano entre o amor-paixão e o "digno" da mulher de "família"; enfim, o texto imortal da violação e morte de Lucrecia, de Tito Lívio, onde, sob a narrativa histórica de linha mimética, obrigada à representação icástica da vida humana, com a tensão e concentração dramática da representação trágica, entrevemos objetivos didascálicos de recuperação moral das classes dominantes e sentimos a visão inteira que o romano tradicional tinha da mulher, amarrada por preconceitos que violentavam uma moral racional, em nome até da "ciência" da época. E uma mulher inteligente e "romana" como Lucrecia conhecia seu único caminho... Sem qualquer "culpa", sabia que sua vida seria problemas; sua morte, uma solução para todos... Mas, o historiador é um homem, um romano, e a história é um gênero literário.

Mau grado a todas as teorias prenes de arrazoados e revérberos culturais sobre a renovação do comportamento humano, posta à parte a área do accidental, o homem repete e continuará repetindo o homem, sob pena de mudar de espécie. Alijada da carga contextual da ficção literária de Terêncio, a fala com que Cremes, jocosamente talvez, pretende justificar a Menedemo, na peça *Heautontimorumenos*, por que se mete em vida alheia, é uma afirmação de sentido aberto, do teor das profecias, que carregam níveis de significados desconhedidos mesmo de quem as profere: *Homo sum: humani nihil a me alienum puto.* (Terêncio, *Heautontimorumenos*, 77). Um homem só pode fazer o que um homem pode fazer e, sem dúvida, tudo o que potencialmente um homem pode fazer. Já nisso advertira

bem o autor do *Eclesiastes*: "O que já foi, isso será. O que já se fez, isso se fará; nada de novo debaixo do sol. – *Nihil sub solem novum.*"<sup>1</sup>

Como a juventude, cada geração, cada época literária, cada época científica se deixa facilmente levar pelo orgulho ilusionista de estar vivendo no pináculo da história humana, num mundo de todo novo, desvinculado de qualquer pretérito, não diversamente do último andar de um arranha-céu que se vangloriasse de sua altura, conculcando, em todos os sentidos, assim os fundamentos como os demais andares sobre que assenta. Não obstante, seria em extremo fácil perceber quanto vai de miragem nessa visão, se houvesse empenho em considerar como pensaram e agiram os nossos ancestrais em períodos análogos do passado humano.

*"História uero testis temporum,  
lux ueritatis, uita memoriae, magistra  
uitae, muntia uetustatis..."*

"A história, enfim, testemunha das épocas, luz da verdade, vida da lembrança, mestra da vida, mensageira da antigüidade..."

(Cícero, *De Oratore*, II, IX, 36)

Muita coisa, sem dúvida, se explica pelo atual, mas é bem mais ampla a herança que há mister do passado como seu legítimo e mais profundo intérprete.

A instabilíssima situação da mulher, ao longo da história, vai da servidão mais abjeta ao matriarcado mais feroz; do carinho mais materno ao mais virulento ódio; da mais encantadora inocência à mais viperina astúcia; da mais devota lealdade à mais requintada traição; uma situação, diríamos, não diversa da do homem, mas, de certo, envolta em bem maior mistério que a dele, ao menos para ele, que o tem confessado em tantas ocasiões, algumas imortalizadas pela arte, como no IV canto da *Eneida*:

*".....Varium et mutabile semper  
Femina....."*

"Coisa sempre instante e mutável é a mulher

(Vergílio, *Eneida*, IV,569-70)

Em 1837, Victor Hugo acolhe em seu drama *Le roi s'amuse* (ato IV, c.2) dois versos quase proverbiais na França e que teriam sido, lendariamente, escritos por Francisco I, no século XVI:

---

(1) "Eclesiastes", 1, 9. In *Bíblia Sagrada*. São Paulo, Edições Paulinas, 1976, p. 787.

"Souvent femme varie,  
Bien fol est qui s'y fie!"

Foi parafraseando o *couplet* de Francisco I, que Victor Hugo completou com mais dois versos:

"Une femme souvent  
N'est qu'une plume au vent!"

que F.M. Piave compôs para o *Rigoletto* a célebre ária do Duque, que a música de Verdi eternizou:

"La donna è mobile  
qual piuma al vento,  
muta d'accento – e di pensier.  
Sempre un'amabile  
leggiadro viso,  
in pianto o in riso - e menzognier.  
sempre misero,  
chi a lei s'affida,..." (Ato III, c.2)

Até que ponto a nossa visão, atual, da mulher pela mulher e da mulher pelo homem é tributária do ideal romano antigo de mulher?

Não se trata de malbaratar o tempo, o estudo, o escrever num diletantismo alienado e tolo, mas em contribuir, com diminuta parcela que seja, a uma compreensão mais objetiva e justa da parte feminina de nossa humanidade.

O texto latino que vai centralizar este modesto trabalho pertence a Tito Lívio (I, LVII-LVIII), um relato literário e histórico da violação e morte de Lucrecia, que a leitura dos séculos vem sagrando imortal.

Releva considerar de antemão a linha da historiografia perfilhada pelo autor, cujo filorromanismo, pessimista com relação ao ontem e ao hoje, foge para o passado distante, em busca de normas e exemplos de comportamento em que possa espelhar-se a juventude contemporânea. Buscam-se soluções para a crise do século I a.C., que Lívio, como outros historiadores, atribui unicamente a uma pretendida decadência de ordem ética, consoante a tradição catoniana. Essa a historiografia mimética, que se obriga a manter a representação icástica da vida humana, a tensão e a concentração dramática da representação trágica, com evidentes objetivos paidêuticos, didascálicos, de recuperação moral das classes dominantes. Assim, não obstante a extraordinária cultura pessoal, toda a magia do poder descritivo e narrativo de Lívio, há que lembrar seu idealismo romano, um perigo sempre iminente para a objetividade, uma vez que capaz de "informar" os *mores e os exempla*.

Desta sorte, no relato da morte de Lucrécia, parece-nos que mais que o ideal romano primitivo de mulher, cumpre entrever o ideal liviano, republicano, augustano de mulher, da *mater familias*, é claro.

Antes de encetarmos o exame do texto sobre Lucrécia, convém iluminar o tema com alguns textos paralelos, subsídios para um melhor entendimento do assunto.

É evidente que esse ideal romano de mulher pode reconstruir-se, a partir dos textos, de duas maneiras: ou diretamente, quando o texto se prope a louvar um quadro positivo, ou *ex opposito*, quando o texto relata o negativo.

Há uma passagem também de Tito Lívio, onde se refere a disputa acirradíssima pela abrogação da lei Ópia (195 a.C.) que, votada durante a segunda guerra púnica por iniciativa do tribuno do povo C. Oppius, proibia as mulheres de possuírem mais de meia onça de ouro, de apresentarem vestidos com diversas cores, de fazerem-se levar de carro em Roma ou em qualquer outra cidade, ou nos arredores delas num âmbito de mil passos, a menos que se tratasse dos sacrifícios públicos. Após violentos debates, a lei foi abrogada, mesmo porque o trabalho político das mulheres, na tentativa de convencer os votantes, foi assustador. Mas o que nos interessa aqui é um trecho do discurso fortíssimo de M. Pórcio Catão, encadeando razões contra a abrogação da lei.

*Si in sua quisque nostrum matre familiae, Quirites, ius et maiestatem uiri retinere instituisset, minus cum universis feminis negotii haberemus: nunc domi uicta libertas nostra impotentia muliebri hic quoque in Foro obteritur et calcatur: et, quia singulas sustinere non potuimus, universas horremus.*

.....  
*Qui hic mos est in publicum procurrendi, et obsidendi uias, et uiros alienos appellandi? Istud ipsum suos quaeque domi rogare non potuistis? An blandiores in publico quam in privato, et alienis quam uestris estis? quanquam ne domi quidem uos, si sui iuris finibus matronas contineret pudor, quae legis hic rogarentur abrogarenturue curare decuit. Maiores nostri nullam, ne privatam quidem, rem agere feminas sine auctore uoluerunt; in manu esse parentum, fratrum, uirorum: nos (si diis placet) iam etiam rempublicam capessere eas patimur, et Foro prope, et concionibus, et comitiis immisceri. ....Date frenos impotenti naturae et indomito animali, et sperate ipsas modum licentiae facturas, nisi uos feceritis! Minimum hoc eorum est, quae iniquo animo feminae sibi aut moribus aut legibus iniuncta patiuntur: omnium rerum libertatem, imo licentiam (si uere dicere uolumus), desiderant. Quid enim, si hoc expugnauerint, non tentabunt?*

*III. Recensete omnia muliebra iura, quibus licentiam earum alligauerint maiores nostri, per quaeque subiecerint uiris: quibus omnibus constrictas uix tamen continere potestis. Quid? Si carpere singula, et extorquere, et exaequari ad extremum uiris patiimini, tolerabiles uobis eas fore creditis? Extemplo, simul pares esse coeperint, superiores erunt. ....*

"Se cada um de nós, ó Romanos, tivesse determinado manter sobre a sua mulher o direito e a autoridade de marido, teríamos menos problemas (hoje) com todas as mulheres. Agora que, no lar, a nossa liberdade foi vencida pela falta de moderação de nossas mulheres, aqui também no Forum é calcada aos pés e aniquilada; por isso que não pudemos resistir a cada uma em particular, nós a tememos a todas.

.....  
Que hábito é esse de correrdes em público, de sitiardes as ruas e de vos dirigirdes a homens desconhecidos? Não pôde cada uma de vós pedir isso mesmo a seu marido, em casa? Ou sois, acaso, mais persuasivas em público do que em particular, mais com estranhos do que com vossos maridos?

Contudo, se o pudor mantivesse as mães de família nos limites de seu direito, nem sequer em casa realmente vos conviria cuidar das leis que aqui se propõem ou se abrogam. Nossos ancestrais não permitiram que as mulheres tratassem de qualquer problema, mesmo doméstico, sem autorização especial; (quiseram) que estivessem na dependência de seus pais, de seus irmãos e de seus maridos. Nós, se assim apraz aos deuses, já toleramos até que elas tomem parte nos negócios públicos, que freqüentem o Forum, que se misturem às discussões e aos comícios.....

Dai rédeas à sua índole imoderada, a seu capricho indomável, e esperai que por si próprias elas venham a dar à sua licença o limite que vós não ousastes pôr.....

O que hoje solicitam é a menor das desvantagens que as mulheres, com grande desprazer, suportam que lhes tenham sido impostas já pelos costumes, já pelas leis. Querem a liberdade de tudo, e mais (querem), para falar a verdade, uma licença sem limites.

Se conquistarem isso, o que não tentarão?

Lançai uma vista d'olhos sobre todas as leis referentes às mulheres, leis com que nossos antepassados mantiveram atada a excessiva liberdade delas, leis pelas quais estiveram sujeitas a seus maridos. O que?! Se tolerardes que elas, de uma em uma, destruam essas leis, que as expulsem, que se igualem de todo aos homens, credes que vos será possível suportá-las? Assim que começarem a ser iguais, de imediato nos dominarão."

A autoridade, o domínio incontestado do pai, do marido sobre a mulher e as filhas é o que Catão, em época bem anterior ao século I a. C., propõe como imprescindível no lar e, conseqüentemente, na vida social.

O trato da administração do lar e do Estado é incumbência masculina. *Maiores nostri nullam, ne privatam quidem, rem agere feminas sine auctore uoluerunt; in manu esse parentum, fratrum, uirorum.* E ironiza: *Date frenos impotenti naturae et indomito animali, et sperate ipsas modum licentiae facturas, nisi uos feceritis!..... omnium rerum libertatem imo licentiam ... desiderant.* Livres, seriam insuportáveis: *Extemplo, simul pares esse coeperint, superiores erunt.*

Cícero, interpretando Platão, ao expor os desmandos a que pode chegar a sede incontida de liberdade em época de anarquia populista, enumera as várias conseqüências desastrosas daí advindas e entre elas a igualdade de direitos da esposa e do marido:

*... ut necesse sit in eiusmodi republica plena libertatis esse omnia; ut et priuata domus omnis uacet dominatione, et hoc malum usque ad bestias perueniat...*

*Ex quo fit, ut etiam serui se liberius gerant; uxores eodem iure sint quo viri...*

(Cícero, *De Republica*, I, 43)

"A ponto de ser necessário que, em tal tipo de Estado, tudo esbanje liberdade e que mesmo toda a família fique sem chefe, mal que se estende até os animais. A partir daí sucede que mesmo os escravos se dêem liberdades, que as esposas tenham os mesmos direitos que os maridos..."

Salústio, quando delinea magistralmente o perfil de Semprônia, expõe, de par com a visão objetiva, algumas considerações pessoais que traem a visão romana da mulher.

Em suma, sente-se no retrato dessa revolucionária a mulher que o romano esperava que sua mãe, sua esposa, sua filha não fossem.

*Sed in eis erat Sempronia, quae multa saepe uirilis audaciae facinora commiserat. Haec mulier genere atque forma, praeterea uiro liberis satis fortunata fuit; litteris Graecis et Latinis docta, psallere, saltare elegantius quam necesse est probae, multa alia, quae instrumenta luxuriae sunt.*

*Sed ei cariora semper omnia quam decus atque pudicitia fuit; pecuniae an famae minus parceret haud facile discerneres; libido sic accensa ut saepius peteret uiros quam peteretur. Sed ea saepe antehac fidem prodiderat, creditum abiurauerat, caedis conscia fuerat, luxuria atque inopia praeceps abierat. Verum ingenium eius haud absurdum: posse uersus facere, iocum mouere, sermone uti uel modesto, uel molli, uel procaci; prorsus multae facetiae multusque lepos inerat.*

(Salústio, *Cat.*, XXV, 1-5)

"Entre elas estava Semprônia, que já cometera muitas vezes crimes de uma audácia viril. Essa mulher foi bastante afortunada pela ascendência, pela beleza e ainda por seu marido e por seus filhos; instruída nas letras gregas e latinas, tocava a cítara e dançava com mais arte do que convém a uma mulher honesta; e (era também instruída) em muitas outras coisas que são instrumentos de devassidão. Tudo lhe era mais caro que sua honra e pudor. Não se conseguia saber se ela se

importava menos com sua fortuna ou com sua reputação; trazia tão acesa a sensualidade, que mais freqüentemente abordava os homens do que era por eles abordada. Já antes traíra muitas vezes sua palavra, negara com juras uma dívida, fora cúmplice de matanças, degradara-se velozmente pela libertinagem e pela miséria. Mas não era comum o seu talento: sabia compor seus versos, fazer rir, usar de uma linguagem ora modesta, ora terna, ora desaforada; em uma palavra, havia nela muito espírito e muito encanto".

A mulher romana, faz-nos sentir Salústio, era dignificada pela ascendência, pela beleza, pelo marido e pelos filhos. Com tal padrão não afina Semprônia: "tocava a cítara e dançava *com mais arte do que convém a uma mulher honesta...*; mais freqüentemente abordava os homens do que era por eles abordada". O pudor feminino, os limites da dignidade, a concessão moderada à corte masculina...são alguns predicados desejáveis numa mulher, mas que não encontravam em Semprônia um sujeito adequado.

Foi a essa mulher romana, *mater familias*, reservadíssima, responsável pelo lar, pelos filhos, pela dignidade da descendência, comedida nas demonstrações de carinho e quase passiva no sexo, que os *neóteroi* trouxeram um mundo novo de liberdades.

"A revolução moral a que os poetas (novos) nos fizeram assistir e para que eles mesmos contribuíssem, consiste em ter feito entrar o amor, o amor-paixão, o desejo e a satisfação nos relacionamentos que criam entre os seres laços morais, deveres e direitos.

Coube aos Romanos descobrir que existe uma ética do sentimento: a tradição ancestral outorgava o direito de cidadania à afeição filial, ao respeito à esposa, aos deveres da paternidade e da maternidade, mas fingia ignorar o amor da carne que, todavia, está no centro de todo esse complexo. Era preciso ser um bom esposo e podia-se, por acréscimo, amar a própria mulher, mas isso não era imprescindível nem mesmo muito confessável.

Os poetas da época augustana... contribuíssem fortemente... a liberar... a mulher dessa prisão de respeito puramente formal onde refinam os costumes, para restituir-lhe o direito de amar, de escolher, de consentir a sua fidelidade".<sup>2</sup>

Desnecessário nos parece aduzir aqui os versos sem número de Catulo, a mais valiosa prova desse mundo novo que se oferecia à mulher romana: sobre o *bene uelle* das ternuras do coração, a mulher deve ter direito ao *amare* da plenitude da carne, antes só permitido às cortesãs e às amantes.

*Huc est mens deducta tua, mea Lesbia, culpa,  
Atque ita se officio perdidit ipsa suo,*

---

(2) GRIMAL, Pierre. *L'amour à Rome*. Paris, Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1979, p.198.

*Vt iam nec bene uelle queat tibi, si optima fias,  
Nec desistere amare, omnia si facias.*  
(Catulo, 75)

"A tal ponto se rebaixou, por tua culpa, ó minha Lésbia, o meu espírito e de tal sorte se perdeu ele em seu devotamento, que já não poderia querer-te bem, ainda que te tornasses a melhor das mulheres, nem poderia deixar de amar-te, ainda que para isso tudo fizesses".

Apesar dessa revolução nos limites do relacionamento homem-mulher, operada em boa parte pelos *neóteroi* e continuada, de certa forma, por Tibulo e Propércio, mas retomada principalmente por Ovídio às escâncaras, o mundo oficial fazia por manter o respeito ao padrão ancestral da mulher respeitável. No dia-a-dia vingara, porém, a liberação feminina do amor, máxime no âmbito das classes dominantes.

É assim que, a par com Ovídio, cujos versos triunfam o amor livre e lhe valem o favor da opinião pública:

*Militat omnis amans et habet sua castra Cupido;  
Attice, crede mihi, militat omnis amans.*

.....  
*Saepe maritorum somnis utuntur amantes  
Et sua sopitis hostibus arma mouent.  
Custodum transire manus uigilumque cateruas  
Militis et miseri semper amantis opus.*

(Ovídio, *Amores*, I, 9, 1 e 25-28)

"Todo amante é um soldado e Cupido tem seu campo de batalha;  
Cria-me, Ático, todo amante é um soldado.

.....  
Com freqüência se valem os amantes do sono dos maridos e, enquanto dorme o inimigo, põem suas armas em ação.

Passar os cordões de guardas e os corpos de sentinelas, esse é o trabalho do soldado e do pobre amante."

deparam-se-nos poemas de Horácio que, se cantou também o sensual do amor-paixão, não cantou menos o amor digno da mulher "de família":

.....  
*Tutus bos etenim rura perambulat,  
nutrit rura Ceres almaque Faustitas,  
pacatum uolitant per mare nauitae,*

*culpari metuit fides,  
nullis polluitur casta domus stupris,  
mos et lex maculosum edomuit nefas,  
laudantur simili prole puerperae,  
culpam poena premit comes.*

.....  
(Horácio, *Odes*, IV, V, 17-24)

(Quando estás presente, ó César Augusto,  
"O boi percorre seguro as pastagens.  
Ceres e a Fecundidade criadora alimentam os campos,  
voam os navegantes pelo mar pacificado;  
a boa fé tem receio da suspeita,  
a família honrada não é poluída por nenhum adultério;  
o costume e a lei refrearam os desmandos impuros;  
são louvadas as mães por causa do filho parecido ao marido;  
o castigo acompanha de perto o crime."

Augusto, canta o poeta, é penhor de dignidade: sob sua égide, o adultério é banido; os desmandos contra a moral, embrida-os o costume e a lei; as esposas são fiéis e os filhos, legítimos; e há sempre um castigo para o crime.

Accita-se, no entanto, já alguma liberdade mesmo para a *mater familias*.

Horácio mesmo, num poema dedicado a Mecenas, não se furta a encarecer os dotes de sua esposa, indo além dos morais: a voz, os olhos, a dança, o espírito e ... a fidelidade:

.....  
*Me dulcis dominae Musa Licymniae  
cantus, me uoluit dicere lucidum  
fulgentis oculos et bene mutuis  
fidum pectus amoribus;  
quam nec ferre pedem dedecuit choris  
nec certare ioco nec dare brachia  
ludentem nitidis uirginibus sacro  
Dianae celebris die.*

.....  
(Horácio, *Odes*, II, XII, 13-20)

"Ordenou-me minha Musa que eu celebre  
os doces cantos de Licínia, tua esposa,  
os seus olhos vivamente faiscantes  
e o coração fiel a tão recíprocos amores;

que eu cante a ela, a quem nunca ficou mal  
dançar nos coros, nem em gracejos porfiar,  
nem dar os braços, dançando, às formosas jovens,  
no dia movimentado da festa de Diana."

Que nem tudo eram rosas no reino de Augusto, comprova-o de sobejo, v.g., a *Lex Iulia de maritandis ordinibus* (18 a.C.), o *ius trium liberorum* etc., disposições imperiais preocupadas com a manutenção das famílias e a procriação das classes dirigentes, base essencial da continuação do Império, no modo de pensar de Augusto.

É nesse sentido que Horácio ainda, ao referir-se às mulheres dos Citas e dos Getas, propõe-nas como modelo corretor dos costumes das romanas:

.....  
*Campestres melius Scythae,  
quorum plaustra uagas rite trahunt domos,  
uiuunt et rigidi Getae*  
.....

*Illic matre carentibus  
priuignis mulier temperat innocens  
nec dotata regit uirum  
coniunx nec nitido fudit adultero;  
dos est magna parentium  
uirtus et metuens alterius uiri  
certo foedere castitas,  
et peccare nefas aut pretium est mori.*  
.....

(Horácio, *Odes*, III, XXIV, 9-24)

"Vivem melhor os Citas das planícies, cujos carros  
puxam as casas errantes; vivem melhor os Getas....  
Ali uma mulher bondosa trata bem os enteados carentes de  
mãe; ali esposa alguma, valendo-se do dote, governa o marido,  
nem se fia em perfumado amante.  
Precioso dote é a virtude dos pais e o casto respeito fundado em  
segura aliança e temeroso de outro homem;  
e (a idéia de que) cometer adultério é crime e morrer é seu  
preço."

Lá até as madrastas são bondosas, as esposas são submissas aos maridos e não os trocam por perfumados amantes; lá são de extrema importância a virtude dos pais, o respeito ao casamento, a fidelidade recatada e a certeza de que o adultério é crime punível de morte.

Como um eco desses versos horacianos, vamos encontrar, bem mais tarde, um texto de Tácito, que no elogio aos costumes dos germanos traça, *ex opposito*, um quadro do ideal romano da família e da mulher, ideal que ainda persistia entre os que sonhavam a restauração das passadas glórias de uma já antiga república: por isso os germanos são fortes, por isso foram fortes os antigos romanos. Um louvor aberto, um disfarçado lamento; um *hosana* à morigeração carregada de esperanças de uma raça bárbara e nova, um *requiem* implícito ao ocaso de um grande império...

*Paucissima in tam numerosa gente adulteria, quorum poena praesens et maritis permissa: abscisis crinibus nudatam coram propinquis expellit domo maritus ac per omnem vicum uerbere agit; publicatae enim pudicitiae nulla uenia: non forma, non aetate, non opibus maritum inuenerit. Nemo enim illic uitia ridet, nec corrumpere et corrumpi saeculum uocatur. Melius quidem adhuc eae ciuitates in quibus tantum uirgines nubunt et cum spe uotoque uxoris semel transigitur. Sic unum accipiunt maritum quo modo unum corpus unamque uitam, ne ulla cogitatio ultra, ne longior cupiditas, ne tamquam maritum sed tamquam matrimonium ament. Numerum liberorum finire aut quemquam ex adgnatis necare flagitium habetur, plusque ibi boni mores ualent quam alibi bonae leges.*

.....  
*Sua quemque mater uberibus alii, nec ancilis ac nutricibus delegantur. .... Sera iuuenum uenus, eoque inexhausta pubertas. Nec uirgines festinantur; eadem iuuenta, similis proceritas; pares ualidaeque miscentur, ac robora parentum liberi referunt.*

(Tácito, *Germania*, XIX e XX)

"Em nação assim numerosa, são pouquíssimos os adultérios, cujo castigo é imediato e reservado aos maridos: cortados os cabelos, o marido a expulsão de casa nua, em frente dos parentes, e a correção chicote por toda a aldeia. Nenhum perdão existe para a honra prostituída; nem pela beleza, nem pela juventude, nem pelas riquezas encontrará marido.

Ali ninguém se diverte com os vícios, nem corromper e ser corrompido se chama moda. Melhor ainda, em verdade, naquelas cidades em que apenas as virgens se casam e em que se vive uma só vez com a esperança e o juramento de esposa.

Assim recebem um marido como um corpo e uma vida, de sorte que nenhum pensamento vá além nem vá mais longe o desejo, nem o amem como a um marido mas como o próprio matrimônio. Limitar o número dos filhos ou matar algum dos agnados é tido por ignomínia e têm mais valor aí os bons costumes do que em outro lugar as boas leis.....

A cada um alimenta-o nos seios a própria mãe, nem são entregues os filhos a escravas ou amas.....

A sensualidade dos jovens é tardia e, por isso, a mocidade é vigorosa. Nem as virgens se apressam; a mesma juventude, igual estatura; iguais e robustas se casam e os filhos refletem o vigor dos pais".

Com que sonha o escritor romano? Sonha com uma nova Roma, onde o adultério, sobre ser raro, seja castigado de imediato – o da mulher, é claro; onde nem a beleza, nem a juventude, nem mesmo o dinheiro possa encontrar um novo marido para a honra prostituída; onde a depravação não seja moda; onde as mulheres se casem virgens e uma só vez; onde se não limite o número dos filhos, que as mães mesmas alimentarão ao seio e educarão pessoalmente; onde uma juventude sadia, porque continente, se casará robusta, gerando para Roma filhos vigorosos...

Não há mister de mais amplas elucidações; o texto é transparente e fala de per si.

Após essa visão panorâmica mas bastante ao nosso objetivo, visão que, evidentemente, poderia ampliar-se *ad infinitum*, tantos são os textos latinos antigos relativos ao tema, convém aduzir ainda alguns dados úteis ao bom entendimento da passagem liviana em pauta.

Situa-se o fato aqui relatado pelos fins do período dos reis romanos (509 a.C. aproximadamente).

Um historiador moderno resumiria possivelmente os sucessos políticos, referidos no texto de Lívio, nos seguintes termos: A aristocracia romana, havia muito tempo em firme oposição aos reis, que vinham se apoiando na plebe, acabou por armar uma revolução.

O rei Tarquínio encontra-se distante de Roma, com o exército que o sustém. O patriciado responde, temporariamente, pelo governo da cidade de Roma, ou seja, um patricio, Lucrécio, é o prefeito de Roma na ausência do rei. Júnio, o chefe da cavalaria, a primeira autoridade militar depois do rei, também é um patricio. São esses dois homens que armam a insurreição, coadjuvados pelos patricios Valério e Tarquínio Colatino. Reúnem-se os conjurados em Colácia, na propriedade de um deles. Ali eles exibem ao povo o cadáver de uma mulher, a qual, dizem, se suicidara, para punir-se pelo crime de um filho do rei. Tendo amotinado o povo de Colácia, dirigem-se, depois, a Roma e repetem a cena, sublevando a população até conseguirem depor e expulsar o rei.

Mas, na visão artística de Lívio, o dramático, o trágico, a didascália, os *exempla* correm parilhas com a objetividade dos fatos e os próprios acontecimentos nascem mais dos indivíduos, dos heróis e dos viles, e até das lendas do que daquilo que a história atual selecionaria como verdadeiras e primeiras causas. Na Roma antiga, porém, a história – cumpre não esquecê-lo – é um gênero literário e é sobretudo difícil divisar em Tito Lívio onde ficam os limites entre o artista e o historiador, máxime quando sabemos que esse republicano de alma sonhava oferecer à ideologia do principiado o quadro majestoso da antiga grandeza pessoal e política dos ancestrais romanos, um estímulo forte de renascimento proposto a um presente marcado pela frouxidão moral da classe dominante, onde mesmo os

que propugnavam a morigeração não conseguiam esconder os desmandos que lhes ocorriam em casa, como sucedia com a própria família imperial de Augusto. Vamos agora ao texto.

*Forte potantibus his apud Sex. Tarquinius, ubi et Conlatinus cenabat Tarquinius, Egeri filius, incidit de uxoribus mentio. Suam quisque laudare miris modis; inde certamine accenso Conlatinus negat uerbis opus esse; paucis id quidem horis posse sciri quantum ceteris praestet Lucretia sua. "Quin, si uigor iuuentae inest, conscendimus equos inuisimusque praesentes nostrarum ingenia? Id cuique spectatissimum sit quod in necopinato uiri aduentu occurrerit oculis."*

*Incaluerant uino; "Age sane" omnes; citatis equis auolant Romam. Quo cum primis se intendentibus tenebris peruenissent, pergunt inde Collatiam, ubi Lucretiam haudquaquam ut regias nurus, quas in conuiuio luxuque cum aequalibus uiderant tempus terentes, sed nocte sera deditam lanae inter lucubrantem ancillas in medio aedium sedentem inueniunt.*

*Muliebris certaminis laus penes Lucretiam fuit. Adueniens uir Tarquiniusque excepti benigne; uictor maritus comiter inuitat regios iuuenes. Ibi Sex. Tarquinius mala libido Lucretiae per uim stuprandae capit; cum forma tum spectata castitas incitat. Et tum quidem ab nocturno iuuenali ludo in castra redeunt.*

*LVIII. Paucis interiectis diebus Sex. Tarquinius inscio Conlatino cum comite uno Collatiam uenit.*

*Vbi exceptus benigne ab ignaris consilii cum post cenam in hospitale cubiculum deductus esset, amore ardens, postquam satis tuta circa sopitique omnes uidebantur, stricto gladio ad dormientem Lucretiam uenit sinistraque manu mulieris pectore oppresso "Tace, Lucretia", "inquit; Sex. Tarquinius sum; ferrum in manu est; moriere, si emiseris uocem." Cum pauida ex somno mulier nullam opem, prope mortem imminentem uideret, tum Tarquinius fateri amorem, orare, miscere precibus minas, uersare in omnes partes muliebrem animum. Vbi obstinatam uidebat et ne mortis quidem metu inclinari, addit ad metum dedecus: cum mortua iugulatum seruum nudum positurum ait, ut in sordido adulterio necata dicatur. Quo terrore cum uicisset obstinatam pudicitiam uelut uictrix libido profectusque inde Tarquinius ferox expugnato decore muliebri esset, Lucretia maesta tanto malo nuntium Roman eundem ad patrem Ardeamque ad uirum mittit, ut cum singulis fidelibus amicis ueniant; ita facto maturatoque opus esse; rem atrocem incidisse' Sp. Lucretius cum P. Valerio Volesi filio, Conlatinus cum L. Iunio Bruto uenit, cum quo forte Romam rediens ab nuntio uxoris erat conuentus. Lucretiam sedentem maestam in cubiculo inueniunt. Aduentu suorum lacrimae obortae, quaerentique uiro "Satin salue?" "Minime" inquit; "Quid enim salui est mulieri amissa pudicitia? Vestigia uiri alieni, Conlatine, in lecto sunt tuo; ceterum corpus est tantum uiolatum, animus insons; mors testis erit. Sed date dexteram fidemque haud impune adultero fore. Sex. est Tarquinius qui hostis pro hospite priore nocte ui armatus mihi sibi, si uos uiri estis, pestiferum hinc abstulit gaudium." Dant ordine omnes fidem; consolantur aegram animi auertendo no-*

*xam ab coacta in auctorem delicti : mentem peccare, non corpus, et unde consilium asuerit culpam abesse.*

*"Vos, inquit, uideritis quid illi debeatur : ego me etsi peccato absoluo, supplicio non libero; nec ulla deinde impudica Lucretiae exemplo uiuet." Cultrum quem sub ueste abditum habebat, eum in corde defigit, prolapsaque in uolnus moribunda cecidit. Conclamat uir paterque.*

(T. Lívio, I, LVII-LVIII)

"Estando estes a beber, ocasionalmente, em casa de Sexto Tarquínio, onde também ceava Tarquínio Colatino, filho de Egério, aconteceu de cair a conversa sobre suas esposas. Louvava cada um a sua de mil maneiras. Acesa a partir daí uma contenda, Colatino nega que haja necessidade de palavras: em poucas horas se poderá saber o quanto sua Lucrecia leve vantagem às demais. " Por que, já que estamos no vigor da juventude, não montamos a cavalo e vamos pessoalmente ver as prendas das nossas esposas? Que cada um creia apenas naquilo que lhe ocorrer diante dos olhos, à chegada inesperada do marido". Tinham-se afogado com o vinho. "Vamos pois!".(gritam) todos. Incitados os cavalos, voam para Roma. Aí chegados quando as trevas começavam a estender-se, continuam daí para Colácia, onde encontram a Lucrecia, não como (tinham encontrado) as noras do rei, que viram em suntuoso banquete, passando o tempo com as amigas, mas sentada no meio da casa entre vigilantes criadas, trabalhando a lã por noite alta.

Coube a Lucrecia a vitória da aposta sobre as mulheres.

Foram acolhidos com afeição o esposo que chegava e os Tarquínios. O marido vencedor convida amistosamente os jovens príncipes. Foi então que o desejo perverso de estuprar Lucrecia à força tomou conta de Sexto Tarquínio. Excitaram-no assim a beleza como a reconhecida respeitabilidade. Por fim, após uma noite consagrada a divertimentos juvenis, retornam ao acampamento.

Passados poucos dias, Sexto Tarquínio, sem que o soubesse Colatino, veio com um só companheiro a Colácia. Recebido aí cordialmente pelos que lhe desconheciam a intenção, após o jantar, tendo sido conduzido ao quarto de hóspedes, ardendo em paixão, depois que tudo parecia bem seguro e que todos estavam adormecidos, desembainhada a espada, veio até Lucrecia, que dormia e, oprimindo o peito da mulher com a mão esquerda, disse: "Silêncio, Lucrecia; sou Sexto Tarquínio, tenho a espada na mão; morrerás, se deres um pio".

Como, atordoada do sono, Lucrecia não visse, a um passo da morte, qualquer socorro, (começou) então Tarquínio a confessar-lhe seu amor, a pedir, a misturar ameaças aos rogos, a revirar para todos os lados esse coração de mulher.

Vendo-a obstinada e que nem sequer pelo medo da morte se dobrava, juntou ao medo a desonra: disse que ao lado dela morta haveria de pôr um escravo nu, degolado, para que se dissesse que fora morta em sórdido adultério.

Tendo, por esse terror, a lascívia vergonhosa vencido a honra indomável e partido daí Tarquínio, orgulhoso com a conquista da honra de uma mulher, Lucrecia, acabrunhada de tamanha desgraça, envia o mesmo mensageiro ao pai, em

Roma, e ao marido, em Árdea, para que venham cada um com um amigo de confiança; assim era necessário e urgente; uma coisa terrível tinha acontecido. Veio Espúrio Lucrecio com Públio Valério, filho de Volésio, e Colatino com, Lúcio Júnio Bruto, com quem se encontrara por acaso, ao voltar para Roma em razão do recado.

Encontraram Lucrecia sentada, pesarosa, no quarto.

À chegada dos seus, brotaram-lhe as lágrimas e ao marido que lhe perguntava: "Está tudo bem?" – "De forma nenhuma", respondeu, "que pode, em verdade, existir de bom para uma mulher, se perde a honra? Há no teu leito, Colatino, vestígios de outro homem; mas apenas o corpo foi violado, meu coração está sem mácula. A morte será testemunha. Dai-vos as mãos direitas e fazei o juramento de que haverá uma punição para o adúltero. É Sexto Tarquínio que, inimigo, fazendo-se passar por hóspede, na noite passada, à mão armada, tirou daqui um prazer funesto para mim e para ele, se é que vós sois homens".

Um a um, todos dão sua palavra de honra; consolam a infeliz, desviando dela a culpa, coagida que fora, para o autor do crime: é a alma que peca, não o corpo, e de onde estiver ausente a intenção, estará ausente a culpa...

"Vós", disse ela, "cuidareis do que lhe é devido: eu, embora me absolva da culpa, não me desobriço da pena; nem, depois de mim, nenhuma mulher desonrada viverá com o exemplo de Lucrecia."

O punhal que trazia escondido sob a veste, afundou-o no coração e, inclinada sobre a ferida, caiu moribunda.

Prorrompem em altos gritos o marido e o pai"

Para que não nos estranhe o fato de que homens romanos carregados de responsabilidades, praticamente fundadores da República, venham a desenfadar-se, irresponsáveis, com uma aposta leviana e sobremodo perigosa, adverte-nos o historiador da juventude dos protagonistas – *si uigor iuuentae inest* –, levando-nos ainda a somar a ela o *potantibus* e o *incaluerant uino*.

Chama a atenção do leitor, logo de início, a maneira como Lívio simula estilisticamente a rapidez da ação, numa mistura de estilo direto e indireto, tão sem tempo para introduções, veloz como os cavalos e cavaleiros que voam para Roma: "*Age sane*" *omnes; citatis equis auolant Romam*. Os cavaleiros param em Roma, a fim de ver as noras do rei, ou seja, as esposas de alguns deles; mas o escritor não se detém com eles, vai direto a Colácia, para encontrar Lucrecia, a figura positiva da mulher romana, da esposa romana sentada no meio da casa, trabalhando a lã com vigilantes criadas, mesmo por noite já avançada. Só então é que Lívio, à feição de um cineasta, projeta em contraste com o close dessa mulher exemplar, em segundo plano, as figuras volúveis das outras esposas, a passar o tempo com as amigas em suntuoso banquete.

Homens romanos, nem lhes ocorreu disputar da vitória de Lucrecia – sabiam todos discenir a preceito no assunto. *Muliebris certaminis laus penes Lucretiam fuit*.

A esposa afetuosa acolhe com carinho ao marido e, hospitaleira, aos jovens príncipes que o acompanham. E Sexto Tarquínio, um filho do rei, habituado à regalia do poder, deixa-se tomar do desejo, perverso sublinha Lívio, de violentar Lucrecia à força. Por terrível que pareça, ainda aqui é o ideal romano de mulher que excita tal desejo, ou seja, não apenas a beleza, mas "a reconhecida respeitabilidade" de Lucrecia.

É a mesma respeitosa e hospitaleira mulher quem recebe cordialmente o príncipe amigo do esposo e lhe faz as honras da casa, sem saber a que vem.

Lívio cria, a seguir, um terrível suspense: essa mulher modelo de honradez e virtudes femininas, que entre morte e desonra optaria de imediato pela morte, vê-se lançada com violência nas garras de um alucinante dilema: morrer com sua honra, mas deixando aos seus a má fama de uma mulher indigna, morta em adultério com um escravo, ou ceder a honra, para poder relatar depois a verdade do estupro. O historiador se aproxima aqui do teatrólogo trágico e transforma seu leitor num quase expectador. A platéia se angustia, porquanto ambas as saídas são por extremo agoniantes – em ambas a porta se abre para o sofrimento e o que deve ser feito não pode ser feito.

O esposo e os filhos, pensaria uma romana, não mereciam um nome de esposa e mãe desonrado. Uma coisa só cumpria fazer e Lucrecia a fez. Há que manter a honra do nome e da alma, ainda que isso custe, consoante o modo romano de pensar, a desonra do corpo, desonra irreversível....Tem de ceder e cede. A lascívia vergonhosa triunfa da honra indomável.

A tragédia tem seqüência, assim o planejou Lucrecia. Manda chamar o marido e o pai – *rem atrocem incidisse*. Não há verbo introdutor do estilo indireto, não há tempo para tanto, o desenlace é iminente.

Representante ideal do sistema a que pertence, Lucrecia sabe muito bem o que sente o homem romano a respeito da situação e entende que as palavras de consolo – "é a alma que peca, não o corpo" – são palavras, talvez até sinceras, mas que, se capazes de convencer a razão de um homem, jamais alcançariam serenar a alma de um romano e mesmo de uma mulher romana "que pode em verdade existir de bom para uma mulher, se perde a honra?" De quem seria realmente essa indagação? De Lucrecia? Da mulher romana? Do homem romano? De Lívio? Da ideologia do principado? Observe-se que a pergunta é retórica, i.é, constitui realmente uma asserção.

Lucrecia, após cobrar com juramento o castigo de Sexto Tarquínio e de calçar a promessa com um desafio femininamente terrível – "se é que vós sois homens" –, sem prestar ouvidos às falas de conforto que sabe formais e inúteis, conclui: "eu, embora me absolva da culpa, não me desobrijo da pena; nem, depois de mim, nenhuma mulher desonrada viverá com o exemplo de Lucrecia."

E teatralmente o "historiador" fecha a cena trágica e deixa ecoando, sublinhadas de sangue, as últimas palavras de Lucrecia, uma mensagem dura para toda a posteridade feminina de Roma: "O punhal que trazia escondido sob a veste, afundou-o no coração e, inclinada sobre a ferida, caiu moribunda."

Para que se possa avaliar melhor do inelutável desse desfecho, é imprescindível lembrar aqui um fator pouco científico mas de extrema importância, pois nele acreditavam os romanos antigos: uma mulher violentada ficava com o sangue impuro e isso era sem remédio. Lucrecia tinha consciência de que, se não morresse, sobre não ter como provar sua inocência – *mors testis erit* – traria para o marido e para a família sérios problemas. É o próprio Tito Lívio que, logo a seguir, põe na boca de um dos conjurados a seguinte fala de revolta e vingança:

*Per hunc, inquit, castissimum ante regiam iniuriam sanguinem iuro, uosque di, testes facio me L. Tarquinium Superbum cum scelerata coniuge et omni liberorum stirpe ferro igni quacumque dehinc ui possim exsecuturum, nec alium quemquam regnare Romae passurum.*

(T. Lívio, I, LIX, I)

"Por este sangue castíssimo antes da ofensa do príncipe, disse, eu juro, e vos tomo por testemunhas, ó deuses, que hei de perseguir doravante, a ferro e fogo e com toda minha força, a Lúcio Tarquínio com sua criminosa esposa e toda descendência dos filhos, e que não hei de tolerar que nem eles nem outro qualquer "reine" em Roma.

Como pode ver-se no texto acima, o sangue era considerado "castíssimo ANTES DA OFENSA DO PRÍNCIPE", o que vale dizer que não o era mais, depois da ofensa, em que pese a inocência de Lucrecia.

Curiosamente, muitos séculos mais tarde, Shakespeare, em seu poema "The Rape of Lucrece", alude ao mesmo problema do sangue grosseiro, com uma parte negra, manchada pela ofensa. Vale, pelo curioso ler essa bela passagem, ainda que numa tradução portuguesa:

"Dizei como compor minha própria defesa!  
Ou ao menos deixai que este refúgio encontre  
De dizer que se o meu sangue grosseiro está  
Manchado pela ofensa, a alma tenho sem mácula;  
Violada não foi, nem nunca se inclinou  
A complacências vis, mas sempre imaculada  
Ainda se mantém na *infecta prisão* sua.

E esse sangue que ferve e do peito lhe sai  
Dois lentos rios forma, a cercar duma rubra  
Corrente o corpo seu, ilha que vem de ser  
Saqueada e se estende, em toda direção,  
Naquele horrendo mar, despovoada e nua.

De seu sangue uma parte está pura e vermelha,  
A outra é negra, a que foi por Tarquínio manchada."<sup>3</sup>

Outro aspecto importante existe que merece lembrado. Lucrécia deveu escolher dolorosamente entre a honra e o suicídio e este não era caminho de felicidade no mundo dos mortos, como viver sem honra não era um caminho de felicidade no reino dos vivos...

É Vergílio quem nos lembra a tristeza dos que abandonaram por vontade própria a vida terrena:

*Proxima deinde tenent maesti loca, qui sibi letum  
insontes peperere manu lucemque perosi  
proiecere animas. Quam uellent aethere in alto  
nunc et pauperiem et duros perferre labores!  
Fas obstat, tritisque palus (inamabilis undae  
alligat ....)*

(Vergílio, *Eneida*, VI, 434-439)

"A seguir, ocupam os lugares vizinhos os tristes, que, inocentes, causaram a si a morte com a própria mão e, odiando a vida, enjeitaram suas almas. Quanto desejariam agora, no alto ar (da vida), suportar a pobreza e os árduos trabalhos! Proíbe-o, todavia, o destino e os aprisiona a sinistra lagoa de água detestável."

Lucrécia trouxe problemas, em época bem posterior, ao cristianismo de Santo Agostinho. Na sua *Cidade de Deus*, leva o grande escritor algumas páginas na tentativa de explicar que o suicídio não era uma solução adequada. Acontece que a mentalidade já era cristã e Agostinho se defrontava com o sério problema das mulheres cristãs que, nas perseguições sofridas, tinham sido violentadas pelos algozes, mas não tinham sido mortas. Lucrécia, o grande exemplo da dignidade da mulher romana pagã, buscara no suicídio a remissão de seu nome. Que deveria fazer a mulher cristã violentada, para quem o suicídio era um pecado grave e, portanto, a morte da alma? Agostinho não faz qualquer alusão ao problema romano do sangue tornado impuro, mas procura demonstrar que essas cristãs têm o direito à vida e ao respeito.<sup>4</sup>

Os epitáfios foram feitos para fechar as vidas, mas alguns deles se constituem, em suas lembranças, verdadeiros programas de realização, ao descreverem

---

(3) SHAKESPEARE, W. "The Rape of Lucrece" in *Obra Completa*. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1988, vol. III, p. 770-814.

(4) AUGUSTIN, S., *La Cité de Dieu*. Paris, Librairie Garnier Frères, s.d., t.1, p. 33-39. (Liv. I, XVII - XIX).

os deveres cumpridos. Séculos e séculos atrás, muito antes de Lucrécia talvez, talvez em sua época, sobre um túmulo perdido à margem de velha estrada romana, alguém deixou gravado na pedra sepulcral da esposa, da mãe – quem sabe? – este pequeno epitáfio, resumo ideal da vida de uma esposa – mãe romana:

*Hospes, quod dico paulum est: adsta ac perlege.  
Hic est sepulcrum haud pulchrum pulchrae feminae.  
Nomine parentes nominaverunt Claudiam.  
Suum maritum corde dilexit suo.  
Natos duos creavit: horum alterum  
in terra linquit, alium sub terra locavit:  
Domum servavit, lanam fecit. Dixi. Abi.*

(Epitáfio de matrona romana. O original está em forma arcaica)

Viajor, pouco é o que tenho para dizer; pára e lê com atenção.  
Este é o sepulcro não belo de uma bela mulher.  
Por nome seus pais a chamaram Cláudia.  
Amou de todo o coração a seu marido.  
Teve dois filhos: destes a um deixou-o na terra; ao outro, pô-lo sob a terra.  
Manteve a casa, fiou a lã. É o que eu tinha para dizer. Agora vai.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ, J.M. & IUS, A. *L'histoire à Rome*. Vendôme, Presses Universitaires de France, 1974.
- ASSA, Janine. *Les grandes dames romaines*. Bourges, Éditions du Seuil, 1958.
- CATTIN, Léon. *En lisant Tite-Live*. Paris, Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1944.
- FAU, Guy. *L'émancipation féminine dans la Rome antique*. Paris, Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1978.
- FEDELI, Paolo. *Letteratura Latina*. Napoli, Edizione "Il Tripode", 1986.
- GENTILI, B., PASOLI, E. & SIMONETTI, M. *Storia della Letteratura Latina*. 2ª. ed. Roma, Editori Laterza, 1977.

**RÉSUMÉ:** L'idéal romain antique de femme, qui peut être reconstitué au moyen des textes, soit directement des tableaux favorables soit, *ex opposito* des visions négatives, est, sans doute, un des subsides dont peut se servir l'étude de la condition de la femme dans la pensée et dans la société de notre époque. A connaître cet idéal nous aideront la critique catonienne des revendications féminines en faveur de l'abrogation de la loi Opia; la mention de l'égalité des droits de l'épouse e du mari come des mauvaises conséquences de l'anarchie populiste, dans le *De Republica*; les commentaires moralistes

de Salluste, dans le portrait de Sempronia; la révolution des *poetae novi*, lorsqu'ils proposent l'existence d'une éthique du sentiment, accordant à la femme le droit d'aimer, de choisir, de consentir à sa fidélité; la modération horatienne entre l'amour-passion et l'amour "digne" de la *mater-familias*; enfin, le texte immortel de la violation de Lucrece, de Tite-Live, où nous entrevoyons les objectifs didascaliques de la récupération morale des classes dominantes et nous percevons la vision globale que le romain traditionnel avait de la femme, alors enchaînée par des préjugés qui violaient une morale rationnelle, au nom de la "science" même de l'époque.